

FONTES PARA O ESTUDO HISTÓRICO DAS PRÁTICAS CORPORAIS ESCOLARES E DA CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ESTADO DO PARANÁ¹

Dr. MARCUS AURELIO TABORDA DE OLIVEIRA

Universidade Federal do Paraná
E-mail: marcusat@onda.com.br

LUCIANO DE LACERDA GURSKI

Graduando do curso de licenciatura em educação física – UFPR

SÉRGIO ROBERTO CHAVES JÚNIOR

Mestrando em educação: história e historiografia da educação

TALITA BANCK DALCIN

Graduanda do curso de licenciatura em educação física – UFPR
Bolsista Pibic/CNPq

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar resultados referentes ao levantamento e catalogação de fontes para o estudo das práticas corporais escolares e da constituição da disciplina de educação física nas escolas paranaenses no período entre 1846 e 1920. Registra aspectos de uma pesquisa em diversos arquivos, entre eles o Arquivo Público do Paraná, nosso principal acervo. Apresenta alguns apontamentos teóricos que fornecem suporte para questões relacionadas à produção do conhecimento histórico sobre a corporalidade na escola. Conclui reafirmando a necessidade de estudos de identificação e catalogação de fontes como condição básica para o incremento do conhecimento histórico da área.

PALAVRAS-CHAVE: história da educação física escolar; história da corporalidade na escola; história da educação; história das disciplinas escolares; fontes.

-
1. Este trabalho apresenta os primeiros resultados do projeto Civilização, racionalidade e escolarização: educando corpos conformados e vontades submissas?, em andamento, desenvolvido e registrado na UFPR com o n. 2.001.010.166 – Além dos autores, participam do projeto: Melina C. de Albuquerque Vicentine, Diogo R. Puchta, Nicole R. Guaita e Lausane C. Pykosz, licenciandos em educação física pela UFPR e alunos voluntários de iniciação científica; Cristiane dos S. Souza, mestranda em educação pela UFPR; Marcelo M. e Silva, professor do Departamento de Teoria e Prática de Ensino da UFPR; Vera L. Moro, professora do Departamento de Educação Física da UFPR; e Luciane P. A. de Oliveira, doutoranda em educação pela PUC/SP.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar os primeiros resultados de um projeto que identifica, mapea e cataloga fontes que podem dar subsídios para o entendimento histórico das práticas corporais escolares, assim como do surgimento e da consolidação da educação física escolar no Paraná, na transição da escola doméstica para a graduada. Nosso interesse é entender de que forma se constituiu a educação física no Paraná, além de como e quais eram as práticas corporais constituintes da escolarização no estado.

Nesse sentido o estudo histórico nos parece privilegiado por possibilitar uma compreensão bastante acurada de como se desenvolviam as práticas, os trabalhos, as tensões e mudanças no interior das mais diversas unidades escolares e de que forma aquela rotina influenciava e/ou sofria influências da sociedade da época. A pesquisa justifica-se também pela carência de estudos similares no estado do Paraná, além de termos no Brasil uma literatura ainda muito incipiente nessa área.

O TRABALHO COM FONTES

Em nosso projeto, a preocupação com uma maior fundamentação teórico-conceitual nasceu a partir do momento em que começamos a perceber nas fontes uma série de indícios para a construção de uma interpretação factível do passado da escolarização. Esses indícios reclamavam a necessidade de estudos relativos às idéias, conceitos e formas de organização social, dos modelos escolares, dos diversos fatores internos e externos atuantes sobre a formação do currículo, da própria noção de corporalidade, entre outros.

O deslocamento de uma perspectiva tradicional, cortada pela política ou pela economia cede lugar em nosso estudo a uma imersão no mundo da cultura, ou seja, trata-se de uma história preocupada com diversas esferas social e culturalmente construídas, e não somente com a história das transformações econômicas ou políticas, como propõem autores tão diversos como Burke (1992), Ginzburg (1989), Hunt (1995), Hobsbawm (1998), Le Goff (1995), Thompson (2000 e 2001), entre tantos outros. A ênfase sobre uma “nova história” indica um processo irreversível de renovação dos estudos históricos e seus *campos* de pesquisa, neste trabalho contemplado o tratamento de acervos e fontes, objeto primeiro desta pesquisa.

Assim como a própria história da educação, também a pesquisa histórica em educação física tem ampliado olhares desde a segunda metade dos anos 1990, a partir de estudos que privilegiam as continuidades e permanências no âmbito da cultura, que está sempre em diálogo com as demais esferas de organização social. Uma mostra desses estudos recentes pode ser encontrada nos trabalhos de Lucena

(2001) e Melo (2001), no caso da pesquisa sobre a história do esporte, e nos trabalhos de Soares (1998), Vago (2002) e Taborda de Oliveira (2003), mais preocupados com a escolarização de práticas corporais².

Essa renovação, sumariamente indicada acima, é enfática ao destacar que a produção do conhecimento histórico estará sempre calcada na intencionalidade do pesquisador, bem como nas possibilidades dos documentos, entendendo que ambos nunca são neutros. A esse respeito, as considerações de Thompson (1981) ganham relevância quando nos incitam a buscar na *lógica histórica* as possibilidades de construção do conhecimento histórico. Nesse sentido, a própria pesquisa não deixa de ser uma *interpretação*, uma vez que é influenciada pela escolha das fontes e arquivos, pelos procedimentos escolhidos, pela experiência individual e do grupo, incluindo os conhecimentos dos pesquisadores, entre outros. Essa lógica reclama ainda que o historiador estabeleça um diálogo de forma a interpretar o significado de cada fonte, explorando-a em suas potencialidades e, com base nas informações nelas contidas ou subentendidas, perceba os diversos fatores que intervêm em sua construção, conservação e análise.

PRÁTICAS CORPORAIS ESCOLARES

Para estabelecer o entendimento que temos de práticas corporais escolares no âmbito deste estudo, recorreremos a Taborda de Oliveira (2001), seguindo ele ao falarmos

[...] em práticas corporais escolares estamos nos referindo a um conjunto de manifestações intra-escolares que indicam ou podem indicar as formas como foi concebida ao longo do tempo a escolarização e o seu papel na formação humana. Essas práticas podem bem estar assentadas na organização do tempo e do espaço escolares [...] (por exemplo, na disposição das cadeiras, no mobiliário, na definição de espaços de acordo com funções específicas), como na própria manifestação corporal dos agentes escolares (punições, gestualidade etc.) e chegando às manifestações corporais – autônomas ou tuteladas – dos alunos (brincadeiras, formas de comportamento, atividades etc.). Portanto, as práticas corporais escolares incluem e superam aquelas práticas ou atividades afeitas apenas à Educação Física (p. 7).

2. Este não pretende ser um balanço exaustivo. Ao contrário, trata-se apenas de uma pequena indicação do que tem sido produzido historicamente no Brasil na área da educação física com base nos influxos da renovação historiográfica. Daí termos optado por indicar apenas algumas obras que lograram alcançar publicação na forma de livro. Uma experiência editorial bem sucedida que nos apresentou um bom mapa do que tem sido a renovação historiográfica no Brasil é a coleção Pesquisa Histórica na Educação Física, organizada pelo professor Amarílio Ferreira Neto, que já produziu seis volumes.

Partindo desse entendimento, consideramos que essa variedade de manifestações presentes no ambiente escolar faz parte do que tem sido chamado *culturas escolares* (Julia, 2001; Viñao Frago, 1995).

Com base nessas compreensões, pretendemos levantar questões relacionadas ao “cultivo de corpos” (Vago, 2002), ao controle das manifestações corporais e culturais e de que forma a instituição da escola graduada veio a contribuir para o processo de educação das massas, em substituição aos modelos organizacionais das escolas domésticas ou isoladas, por meio da corporalidade de professores e alunos.

Toda essa preocupação com os *controles* estava relacionada com uma esfera social maior, como indica Pagni (1997). Devemos estar atentos à idéia de um projeto modernizador que começara a ser experimentada no Brasil a partir do final do século XIX e início do século XX. Esse projeto teria ligações fundamentais com as maneiras “civilizadas” de viver e de portar-se em sociedade, com modos e comportamentos corporais e intelectuais, enfim, esse projeto estaria (con)formando um homem *novo*, com comportamentos *novos*, para uma nação *nova*. Esse esforço modernizador não poderia prescindir da escolarização de massas e de inversões sobre a corporalidade; aquilo que era tido como arcaico ou populesco ao mesmo tempo (Pereira, 1996) daria lugar a uma retórica legitimadora baseada na racionalidade e no cientificismo (Soares, 1998).

Esse discurso que se espraiava por diferentes grupos também advinha das escolas de medicina, e estava atrelado ao projeto de modernização social e cultural de nosso país. Em consequência desse discurso científico, dito moderno e civilizador, os exercícios físicos estavam sendo propostos para a maioria da população brasileira, pois “sem tal abrangência e universalização de sua prática seria impossível efetivar as promessas por eles anunciadas e, muito menos, instaurar um processo de regeneração racial da nossa população” (Pagni, 1997). E que espaço poderia ser mais apropriado para essa massificação dos exercícios físicos do que a escola que estava sendo reformulada?

Nesse sentido, Gondra (2000) nos indica algumas das relações entre a medicina, a higiene e a educação do físico. Analisando diversas teses de conclusão de curso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, esse autor nos apresenta diferentes posicionamentos acerca dos exercícios físicos desde meados do século XIX, indicando que o debate acerca dos prós e contras dos exercícios físicos faziam parte dos discursos dos mais diversos grupos intelectuais da sociedade. Segundo o autor, os exercícios físicos eram uma forma de “preencher” o tempo livre, sendo assim uma eficaz medida preventiva, pois

a defesa dos exercícios corporais encontra-se radicalizada por ocasião do combate àquele que era considerado o mais grave e terrível dos vícios: o onanismo. Tal hábito, descrito

como vício, provocaria o aniquilamento físico, perverteria a moral e reduziria a inteligência. Exaurir fisicamente o corpo e entorpecer o espírito de aconselhamento moral seriam, portanto, estratégias para interditar o corpo dos meninos da prática masturbatória, que, no interior da ordem médico-higiênica, concorria para impedir a constituição de um corpo forte e robusto, uma boa moral e uma sabedoria desejada. No cumprimento desse roteiro, estaria o remédio contra o raquitismo e a fraqueza, contra o demônio dos vícios e da ignorância (Gondra, 2000, p. 536).

Na mesma direção, caracterizando os exercícios físicos e as práticas corporais e seus determinados fins, entre eles os higiênicos, Vago (2002) analisa de que maneira a educação física e a ginástica se consolidaram como práticas constitutivas dos corpos das crianças no ensino público primário de Belo Horizonte, entre os anos de 1906 e 1920. Tece sua pesquisa analisando as diversas influências que fizeram com que a prática de atividades físicas estivessem presentes no interior da escola graduada desde sua implantação. Ele percebe as tensões entre as leis e decretos e o seu cumprimento (ou não) na realidade escolar. Dentre outros aspectos, também indica que essa prática sistematizada de exercícios corporais possuía diversas denominações, dentre elas exercícios físicos, exercícios calistênicos, exercícios ginásticos, *gymnástica* e outras. Ou seja, o entendimento do termo *educação física* era amplo: “o que antes se definia como um conjunto de atividades que objetivavam o desenvolvimento físico que se harmonizaria com as dimensões intelectual e moral, hoje procura-se definir como uma área dotada de um conhecimento próprio, capaz de contribuir na formação humana por aquilo que ela tem de original no plano dessa formação” (Taborda de Oliveira, 2001, p. 7).

Analisando as considerações desses autores, procuramos entender quais as práticas corporais presentes na instituição escolar e como se deu o processo de inserção e consolidação da educação física no estado do Paraná. A escolha desses autores se inscreve na tentativa de podermos traçar análises comparativas com outros estados e/ou cidades, nos casos citados, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Para o Paraná, ainda trabalhamos com imprecisas indagações: teria esse processo acontecido de forma semelhante ao ocorrido nos outros lugares? Teria a educação física sido introduzida como disciplina escolar, no sentido proposto por Chervel (1990), ou como uma atividade escolar não necessariamente caracterizada como disciplina?

Essa “confusão” entre disciplina escolar e uma “atividade não curricular” pode ser percebida em um documento encontrado no Arquivo Público do Paraná. O inspetor paroquial Manoel Luís de Sousa assim escreveu:

Assisti aos 15 minutos de recreio que o professor usa de *admittir* aos *alumnos* depois das primeiras duas horas da sessão para divertirem-se com *exercicios gymnasticos* em baixo de

sua *vigilância*. Achei útil e *agradável* este *intervallo*, pois vi, ao *signal* dado pelo mestre, voltarem os meninos mais alegres à continuação da sessão (Souza, 1883, p. 134).

Nesse documento podemos perceber alguns pontos interessantes sobre os exercícios ginásticos. Possivelmente eram estabelecidos como sendo um “recreio”, um intervalo entre os trabalhos intelectuais com fins utilitários de distração e melhor rendimento (intelectual) após serem executados. Essa mesma característica pode ser detectada no já citado trabalho de Tarcísio Vago, embora com mais de 20 anos de distanciamento. Podemos destacar também a questão da vigilância do professor sobre os alunos. Ainda não temos dados suficientes para afirmar se eram práticas sistematizadas orientadas pelo professor ou apenas observadas por ele. Essa fonte nos indica que as crianças praticavam “exercícios ginásticos” nos intervalos, mas que tipo de exercícios eram praticados pelos alunos? Apesar de instigantes, essas questões ainda não estão em vias de serem respondidas, em virtude da própria natureza do estudo.

RESULTADOS PARCIAIS: ALGUMAS POSSIBILIDADES DAS FONTES COLIGIDAS

Acervos

Partimos do mapeamento dos diversos arquivos e acervos que pudessem contribuir para o enriquecimento da pesquisa. Entre eles os acervos do Arquivo Público do Paraná, do Colégio Estadual do Paraná, do Círculo de Estudos Bandeirantes, do Memorial Lysimaco Ferreira da Costa, da Biblioteca Pública do Paraná, de bibliotecas universitárias, além de outros acervos curitibanos. Desses, optamos por iniciar os trabalhos no Arquivo Geral do Colégio Estadual do Paraná e no Arquivo Público do Paraná (APPR). Fora de Curitiba, além de arquivos do interior do estado, selecionamos o acervo Macedo Soares e as demais coleções da Faculdade de Educação da USP, a biblioteca da Escola de Educação Física da USP, ambos em São Paulo, e a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

No Arquivo Geral do Colégio Estadual do Paraná encontramos grande quantidade de fontes datadas depois 1920, indicativas de que a disciplina de educação física já estaria firmemente enraizada nas práticas escolares. Como o escopo do projeto é justamente investigar esse processo de enraizamento, optamos por estabelecer aí nosso marco temporal. Além disso, os documentos examinados pouco referenciam as demais práticas corporais que também fazem parte do nosso objeto de estudo. Esse aspecto, somado às reflexões nas reuniões semanais de acompanhamento e discussão de textos, nos levou a estabelecer um novo recorte temporal redimensionando o período de investigação do projeto. Modificamos o

recorte temporal inicial de 1846-1939 para 1846-1920, por entender que esse redimensionamento contempla melhor os objetivos propostos na pesquisa. Diante do material que saltava aos nossos olhos, optamos por concentrar nossos esforços para o levantamento e catalogação das fontes no Arquivo Público do Paraná, pelas peculiaridades do seu acervo, ainda que outros acervos não tenham sido desprezados.

Fontes

Atentos aos ventos da renovação historiográfica que tem soprado em tempos recentes sobre a pesquisa em história da educação e história da educação física no Brasil, contemplamos, localizamos e catalogamos um universo documental bastante promissor: relatórios de presidentes da província, de inspetores da instrução pública e professores escolares; correspondências provinciais; plantas e mapas escolares; filmes educativos, coleção de leis da província do Paraná, materiais escolares etc. Esse rico acervo nos instiga a todo o momento a nos lançarmos à sua análise, tentando compreender a conjuntura social, política e econômica da época, o aparato legal que sustentava a escolarização e a rotina escolar, ou se o leitor prefere, as diversas *culturas escolares*. Apesar de as análises não estarem circunscritas em nossos objetivos nesse momento, ainda assim fizemos alguns ensaios a título exploratório. Do diálogo com os documentos pretendemos em breve construir noções que possam fundamentar a interpretação dos mesmos, minimizando o risco de buscar no passado uma ferramenta mecânica capaz de explicar o presente.

Após a identificação dos acervos e mapeamento das fontes iniciamos a sua catalogação, como já foi dito, pelos acervos do Colégio Estadual do Paraná e Arquivo Público do Paraná. No primeiro foram localizados alguns “termos de promessa” e “livros de assentamento”, que nos dão indícios de que a educação física se consolidava nos currículos das escolas públicas paranaenses entre as duas décadas iniciais do século passado. No período entre 1920 e 1930 ela já aparece nas grades horárias e de controles de faltas, o que nos leva a crer que a disciplina já tinha o seu espaço próprio nos currículos. Porém, ainda faltam dados que nos permitam fazer tal afirmação e dizer de que forma ela era contemplada no currículo, já que o período proposto à sua prática era oposto ao das outras disciplinas. Nos livros ocorrem diferentes datas que vão desde 1854 até, aproximadamente, 1920 e neles há o registro de contratos de professores para as disciplinas de instrução moral e cívica, higiene e também ginástica (esta em 1916), entre outras que podem nos ajudar a contextualizar as preocupações formativas da época, além de indicar de que forma a educação física foi se constituindo. Nos “termos de promessa”, também há menções à ginástica e à própria educação física.

Em um relatório da década de 1930, por exemplo, no item “Do patrimonio em 1932” há um dado interessante. O autor faz menção, em valores monetários, ao patrimônio de cada segmento da instituição, e constatamos que o referente à educação física apresentava a quantia de 22\$000. Esse era o menor valor da lista, sendo que o segundo menor apresentava-se com uma quantia em torno de 400\$000. Percebemos, ao cruzar as fontes, que na década de 1930 cada aluno pagava a quantia anual de 20\$000 à escola, referente à taxa de matrícula. Isso nos leva a crer que um único aluno pagava para a escola quase o mesmo valor que a educação física tinha quantificada como patrimônio. Isso pode ser um indício de que a educação física poderia não ter o *status* que geralmente lhe é atribuído para aquela época, contrariando o que parte da historiografia muitas vezes nos mostra.

Entre os relatórios localizados é interessante destacar um que fora apresentado ao governador do estado do Paraná pela Secretaria dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública, em 29/9/1894, o qual dedica um relato às condições de higiene no Paraná, especialmente em Curitiba. No decorrer do relatório, o autor faz alusões e comparações com o estado de São Paulo, que, segundo ele, tanto progrediu em decorrência do investimento no ramo da *medicina social*, designado como *higiene*. As palavras do signatário nos remetem aos trabalhos de Chalhoub (1996), Pagni (1997), Costa (1999), Faria Filho e Chamon (1999) e Gondra (2000), que mencionam a preocupação com a higiene e as influências do processo de urbanização além da idéia de “nação moderna e civilizada”, no século XIX.

Nesse mesmo relatório, consta ainda a disciplina de ginástica na grade horária do Ginásio Paranaense e da Escola Normal. Aqui devemos atentar para a necessidade de crítica documental, como propõe Le Goff (1996), é importante sempre “dudar” do que está escrito nas fontes, pois o fato de a ginástica estar na grade horária não significa necessariamente que ela estava acontecendo, e sim um indício de que ela ocorria. É nesse sentido que Julia (2002) nos sugere *tentações* que surgem ao estudar a história das disciplinas escolares. Segundo o autor, devemos estar atentos ao fato de as disciplinas inscritas nos currículos não necessariamente terem sido desenvolvidas. Em contrapartida, o fato de não estarem contidas nos currículos também não impede que algumas disciplinas pudessem ser ofertadas e lecionadas, talvez com parâmetros desconhecidos para nós, mas familiares aos seus contemporâneos. Na verdade, trata-se de estarmos atentos às tentações do anacronismo, não nos baseando nas lentes de hoje para nomear aquilo que existia (ou não) no passado.

Nos documentos localizados no Arquivo Público do Paraná, a primeira ocorrência do termo *gymnástica* por nós encontrada está presente em um relatório da presidência da província, datado de janeiro de 1854, assim como a referência ao termo “higiene”. Em documentos de 1879, encontramos referências sobre a tríade

educação física, moral e intelectual, indicando que ela já era preconizada no século XIX também na província do Paraná. Em um deles, seu autor, João Gualberto Franco de Bittencourt, além de mencionar a tríade, destaca como sendo de maior importância a *educação physica* comparada às outras. Para ele “Educar é dirigir a *infância, instruí-la e aperfeiçoá-la* desenvolvendo as faculdades *physicas, intellectuales e moraes*; entre essas três faculdades a *physica* é que tem mais valor” (1879, p. 159). Francisco Euclides de Moura utiliza o termo “educação physica” para falar de uma educação do corpo, educação do físico, preocupando-se com a saúde dos indivíduos. Diz ele: “a educação *physica* tem por fim o emprego de meios conducentes a conservação da *saúde*, dando aos *orgãos* do corpo todo possível desenvolvimento” (1879, p. 156).

Ainda sobre o ano de 1879, foi localizada uma fonte sobre um colégio chamado Externato de Santa Thereza. Ao falar sobre ele, sua diretora Presciliana Vieira da Costa menciona que não há felicidade real sem “corpo são, coração bem formado e *intelligencia* esclarecida” (1879, p. 192). Cita também as disciplinas que poderão ser estudadas e dentre elas há *noções de hygiene*. Apesar de ser um externato para meninas, é interessante notar que admite matrículas de meninos até nove anos de idade. Isso nos leva a algumas indagações: porque a separação dos sexos ocorria após os nove anos? Essa opção era estrita da escola ou é indicativa de representações mais amplas da comunidade? Naquela época a maioria dos termos de exame de classes do sexo feminino avaliavam as alunas em *prendas domésticas*, sendo que em alguns termos os meninos eram avaliados em *ginástica*. Inclusive vários documentos fazem menção ao ensino de *ginástica* e *trabalhos manuaes* somente para meninos e designam para as meninas aulas de *prendas domésticas* e *trabalhos com agulhas*.

A partir do ano de 1882, são mais recorrentes os documentos relacionados à ginástica que indicam uma crescente preocupação com a necessidade de instituí-la como prática escolar. Um dos relatórios localizados comenta sobre as vantagens que os meninos poderão tirar do desenvolvimento físico. Para aquele ano localizamos uma cópia da resolução do presidente da província, Carlos Augusto de Carvalho, regulamentando a ginástica. Segundo o autor a “*gymnastica* desenvolve a musculatura e a vitalidade *geraes* [o que] [...] tende a estabelecer o equilíbrio como *ensinão* os *hygienistas* entre todas as funções, entre as aptidões *physicas* e a capacidade *intellectual*” (p. 186). No mesmo dia em que essa regulamentação foi proposta, estava sendo criada no Instituto Paranaense uma aula de ginástica e exercícios militares que seria ministrada pelo tenente Floriano de Castro Lavor. Porém, essa aula só viria a acontecer quase um mês depois, de acordo com um ofício de José Joaquim Francisco Valle, certificando que o tenente teria entrado no exercício do cargo de professor de ginástica daquela instituição (p. 337). Há, ainda, ofícios co-

municando o recebimento de compêndios de ginástica (que não foram localizados até o momento) e outros estabelecendo o ensino da ginástica em escolas primárias do sexo masculino. Note-se que a ginástica, naquele momento, era designada somente para os meninos.

Diversas fontes nos remetem a meados dos oitocentos, para a organização de um ensino baseado em modelos de sociedades consideradas civilizadas. Assim como as fontes por nós localizadas referem-se a um mundo “moderno” e “civilizado” que só seria possível através da escola, também os documentos utilizados por Nunes (1993), Souza (1998), Faria Filho (2000), Bencostta (2001) e Vago (2002) apontam para essa credibilidade no divisor de águas chamado escola, que cumpriria, entre outros, o papel de separar o mundo “bárbaro” do “culto”. Ao abordar a transição das escolas isoladas e agrupadas para os grupos escolares³ e como foi se desenvolvendo um discurso “modernizador” em diferentes pontos do país, esses autores demonstram a intenção de determinados grupos sociais de estabelecer a escola como principal meio de moralizar, instruir e educar, e dessa forma moldar e/ou remodelar os corpos das crianças, tentando inculcar valores e modos de ser, agir e pensar consoantes com o que se esperava de uma nação civilizada.

O universo documental que vem sendo localizado contempla temas diversos, que se relacionam com as práticas corporais escolares e/ou com a educação física, como discutimos. Alguns desses temas passíveis de serem investigados são: gênero, esporte na escola, disciplinas escolares, formação de professores, castigos corporais na escola, métodos de ensino, civilização, modernização e racionalização, educação indígena e de negros, entre outros. Diversos documentos contribuem para lançar luzes sobre a compreensão das temáticas acima elencadas. Um belo exemplo é o relatório do professor Felinto Elisio Cordeiro (1879) ao inspetor paroquial José Antônio Gonsalves, no qual o autor nos remete, nos seus relatos, a temas como castigos corporais, emulação, importância da instrução/educação, comportamento dos alunos, entre outros:

Não obstante, e com jubilo, o digo, tenho podido fazer alguma *cousa* em pról da instrução primaria nesta localidade que V.^a S.^a pode dar testemunho, por quanto, é notório que os meninos que *frequentão* esta escola *aproveitão*, isto sem emprego de castigos *corporeaes*, ao contrario, alcançando muito, *quasi* que exclusivamente pelos meios suasórios, o que não só demonstra a boa índole de que são *doctados* os nossos jovens patrícios, como também ser melhor e mais fácil convencer que vencer; e deste modo, conseguimos de-

3. É possível reconhecer o processo de implantação dos grupos escolares nos trabalhos de Nunes (1993), para o Rio de Janeiro, Souza (1998), sobre São Paulo, Faria Filho (2000) e Vago (2002), sobre Minas Gerais, e Bencostta (2001), sobre o Paraná.

envolver nos meninos o gosto pelo estudo, por isso que, *elles se apresentam* na aula espontaneamente, alegres e satisfeitos; tenho conseguido, isso *facto*, fazer que alguns *paes refractarios* a educação dos filhos vão reconhecendo o próprio erro, e em tempo não remoto *rezolvam*, embora com sacrifícios, seguir o exemplo *d'aquelles* que mandam seus filhos a escola [...] *Quizera* dispor de *premios* para remunerar a assiduidade e bom comportamento, e estou certo, seria um bem poderoso incentivo (1879, p. 58-59).

É possível afirmar que muitos documentos fundamentais para uma história da educação física no Paraná já foram localizados e catalogados, e através deles podemos desenvolver uma interpretação de como ela teria se desenvolvido e de como e quais eram os tipos de práticas corporais realizadas nas instituições escolares paranaenses. Porém, como estamos tratando de um projeto que está em andamento, por prudência, optamos por mostrar apenas alguns dos indícios que nos trazem as fontes. Seria desnecessário reiterar que o trabalho de levantamento e catalogação de documentos é inesgotável.

Sources for historical studies of body practices in school and of the constitution of the physical education in state of Paraná

ABSTRACT: This work aims to present results related to the survey and catalogue of sources for the study of scholar practices and of the constitution of the discipline of physical education in schools of Paraná between 1846 and 1920. It registers aspects of a search in many archives, such as the Public Archive in the Paraná, our main source of research. It presents some theoretical subjects that supply support for questions related to the production of historical knowledge about "the body" in schools. I concluded that the studies in identification and catalogue of sources are the basic condition to increment the historical knowledge in this area.

KEY-WORDS: History of physical education in school; body history; history of education; history of school subjects; sources.

Fuentes para el estudio histórico de las prácticas corporales escolares y de la constitución de la educación física escolar en el estado de Paraná

RESUMEN: Este trabajo objetiva presentar resultados referentes a la identificación y catalogación de fuentes para el estudio de las prácticas corporales escolares y de la constitución de la asignatura de educación física en las escuelas paranaenses en el período comprendido entre 1846 y 1920. Registra aspectos de una investigación en distintos archivos, entre los cuales el Archivo Público do Paraná, nuestro principal acervo documental. Presenta apuntes teóricos que fundamentan cuestiones relacionadas a la producción

(continua)

(continuação)

del conocimiento histórico acerca de la corporalidade en la escuela. Concluye reafirmando la necesidad de estudios de identificación y catalogación de fuentes como condición básica para el incremento del conocimiento histórico del área.

PALABRAS CLAVES: Historia de la educación física escolar; historia de la corporalidade en la escuela; historia de la educación; historia de las disciplinas escolares; fuentes.

FONTES

ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. *Código I* – Instrução Pública, v. 2, ap. n. 350, ano 1871, p. 148.

_____. *Código II* – Instrução Pública, v. 12, ap. n. 571, ano 1879, p. 191-192.

_____. *Código II* – Instrução Pública, v. 19, ap. n. 578, ano 1879, p. 156 e 159-160.

_____. *Código II* – Instrução Pública, v. 20, ap. n. 579, ano 1879, p. 58-59.

_____. *Código IV* – Instrução Pública, v. 15, ap. n. 661, ano 1882, p. 337.

_____. *Código IV* – Instrução Pública, v. 3, ap. n. 677, ano 1882, p. 186.

_____. *Código V* – Instrução Pública, v. 10, ap. n. 689, ano 1883, p. 134.

ARQUIVO DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ. *Relatório do professor Guido Straube (1931-1934)*.

REFERÊNCIAS

BENCOSTA, M. L. A. Arquitetura e espaço escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 18, p. 103-142, 2001.

BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

CHALHOUB, S. *Cidade febril*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FARIA FILHO, L. M. *Dos pardieiros aos palácios*. Passo Fundo: UPF, 2000.

FARIA FILHO, L. M.; CHAMON, C. S. A escola e a festa: racionalidades distintas na conformação do corpo civilizado no século XIX. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). *Pesquisa Histórica na Educação Física*, v. 4. Aracruz: Facha, 1999.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONDRA, J. G. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, E. M. T. et ali. (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HOBASBAWM, E. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUNT, L. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

_____. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. In.: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Orgs.). *Disciplinas e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LE GOFF, J. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LUCENA, R. de F. *O esporte na cidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MELO, V. A. de. A educação física nas escolas brasileiras do século XIX: esporte ou ginástica? In: FERREIRA NETO, A. *Pesquisa Histórica na Educação Física Brasileira*, v. 3. Aracruz: Facha, 1998.

MELO, V. A. de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2001.

NUNES, C. A escola redescobre a cidade: reinterpretação da modernidade pedagógica no espaço urbano carioca (1910-1935). 1993 Tese de titular. Niterói: UFF.

_____. *Educação física e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2003.

PAGNI, P. A. A prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1920): cuidados com o corpo, educação física e formação moral. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*. Vitória: CEFD/Ufes, 1997.

PEREIRA, M. R. de M. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: UFPR, 1996.

SOARES, C. L. *Imagens da educação do corpo*. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOUZA, R. F. de. *Templos de civilização*. São Paulo: Unesp, 1998.

TABORDA de OLIVEIRA, M. A. *Levantamento de fontes para o estudo histórico da educação física escolar e das práticas corporais escolares no estado do Paraná (1846-1839)*. UFPR, 2001. (projeto de pesquisa n. 2.001.008.858).

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *Agenda para uma história radical*. Barcelona: Crítica, 2000.

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

VAGO, T. M. *Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)*. Bragança Paulista: Edusf, 2002.

VIÑAO FRAGO, A. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, Anped, São Paulo. n. 0, set.-dez., 1995.

Recebido: 28 mar. 2003

Aprovado: 30 abr. 2003

Endereço para correspondência
Marcus Aurélio Taborda de Oliveira
Rua Goiânia, 1597, sobrado 70
Bairro Cajuru
Curitiba – PR
CEP 82940-150